

A SEMIÓTICA DO ILUMINADO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICO-ARQUETÍPICA DO CAVALEIRO DE OURO DE VIRGEM, SHAKA

Thiago Barbosa Soares¹

RESUMO

Este artigo propõe uma análise semiótica da personagem Shaka de Virgem, da série *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), com base na articulação entre a gramática narrativa de Greimas e a teoria arquetípica de Jung, Hillman e Soares. A investigação concentra-se na atualização simbólica do arquétipo do iluminado, cuja figura é explorada à luz das categorias de manipulação, competência, performance e sanção (Platão; Fiorin, 1993), bem como a partir dos eixos de pertencimento/independência e estabilidade/maestria, conforme o modelo de Mark e Pearson (2003). Constatou-se que Shaka opera como uma figura de alta densidade simbólica, cuja imagem arquetípica transcende a diegese e atua como condensação de signos espirituais na cultura pop. Sua trajetória revela-se como rito de transfiguração ontológica, em que a autoridade não se funda na força, mas na presença contemplativa e na sabedoria silenciosa. Assim, a semiose do iluminado manifesta-se como atualização mítica de estruturas perenes no imaginário contemporâneo.

Palavras-chave: Semiótica. Arquétipo do iluminado. Shaka de Virgem. Psicologia arquetípica. Cultura pop.

THE SEMIOTICS OF THE ENLIGHTENED: A SEMIOTIC-ARCHETYPAL ANALYSIS OF THE GOLDEN KNIGHT OF VIRGO, SHAKA

ABSTRACT

This article offers a semiotic analysis of the character Shaka of Virgo from the series *Saint Seiya* (Kurumada, 1986), grounded in the narrative grammar of Greimas and the archetypal theory of Jung, Hillman, and Soares. The investigation focuses on the symbolic actualization of the archetype of the enlightened one, examined through the categories of manipulation, competence, performance, and sanction (Platão; Fiorin, 1993), as well as through the axes of belonging/independence and stability/mastery, according to the model proposed by Mark and Pearson (2003). The study demonstrates that Shaka functions as a high-density symbolic figure whose archetypal image transcends the diegesis and operates as a condensation of spiritual signs within pop culture. His narrative trajectory is revealed as a rite of ontological transfiguration, in which authority stems not from force, but from contemplative presence and silent wisdom. Thus,

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

the semiosis of the enlightened one emerges as a mythical updating of perennial structures within the contemporary imaginary.

Keywords: Semiotics. Archetype of the enlightened one. Shaka of Virgo. Archetypal psychology. Pop culture.

Considerações iniciais

O Iluminismo, entre seus ideais, buscou trazer um tipo de razão para a maioria da população europeia. Inaugurou o século das luzes no Ocidente, com a disseminação do conhecimento adquirido ao longo da História, porém, pode-se afirmar que tal forma de iluminação referia-se, e ainda o faz, ao conhecimento dos mecanismos prioritariamente externos ao ser humano. Por outro lado, no Oriente, uma busca mais antiga teve seu início com o Hinduísmo, aprox. 5 mil anos A.C. e deixou marcas na criação de algumas religiões, como o Budismo. Nele, além de alguns preceitos sobre verdades inalienáveis, a procura pela iluminação, como um caminho interno de encontro com o todo universal, tornou-se a tônica formadora de seguidores.

Tal cisão epistemológica entre as formas de iluminação revela mais que uma distinção geocultural: explicita um abismo ontológico no modo como o Ocidente e o Oriente concebem a verdade, o sujeito e o absoluto. O Iluminismo europeu, em sua vocação universalista e racionalista, assentou-se sobre a crença na inteligibilidade do mundo por meio da razão discursiva e da experiência sistemática, produzindo um modelo de esclarecimento fundado na objetivação da realidade. A luz, metáfora central dessa tradição, incide sobre o mundo para desvelar leis, quantificar fenômenos, instituir a previsibilidade como critério de verdade. O sujeito ilustrado, nesse horizonte, afirma-se enquanto centro de cognição e de agência, alicerçando os valores modernos de autonomia, progresso e liberdade.

Na contramão desse paradigma, a iluminação budista rejeita a exterioridade como fonte de sabedoria e desloca o eixo da verdade para a interioridade da consciência desperta. Aqui, a luz não revela o mundo, mas dissolve a ilusão (*māyā* [sânscrito]) que sustenta a dualidade sujeito-objeto. A iluminação (*bodhi* [sânscrito]) não consiste em acumular conhecimento, mas em transcender toda forma de apego, toda fixação egóica, todo engano perceptivo que alimenta o ciclo do sofrimento (*samsāra* [sânscrito]). O iluminado, nesse contexto, não é o detentor de um saber, mas aquele que realizou o

esvaziamento da vontade, a erradicação do eu substancial e o retorno à vacuidade originária. É nesse entrecruzamento de tradições, tensões e deslocamentos que emerge a figura de Shaka de Virgem, personagem singular do universo narrativo de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). Apresentado como “o homem mais próximo de Deus”, Shaka (que em japonês é Buda) incorpora, de modo sincrético e profundamente simbólico, elementos do imaginário budista, desde sua postura meditativa até o uso ritualizado do *mudrā* (gestualidade [sânscrito]), mas o faz mediado por uma estética tipicamente ocidentalizada do herói trágico, marcada por conflitos morais, provas iniciáticas e uma cosmologia que funde mitologias diversas.

Assim, ao invés de simplesmente representar um sábio ou um asceta, Shaka configura uma imagem semiótica do iluminado, cuja aura transcende o contexto narrativo para operar como signo denso e multifacetado. A análise da sua construção simbólica permite problematizar não apenas os modos como o Oriente é reapropriado pelo Ocidente midiático, mas também as formas contemporâneas de espiritualização laica, em que o sagrado se manifesta sob os códigos da cultura pop, sem perder sua força arquetípica.

Em vista desse cenário, o presente estudo propõe uma abordagem semiótico-arquetípica da personagem Shaka de Virgem, com vistas a desvelar os mecanismos de produção de sentido que o revestem de atributos luminosos, ora vinculados à tradição budista de desapego e transcendência, ora ressignificados sob a ótica da espetacularização narrativa. Com vistas a alcançar o escopo deste artigo, seguimos o traçado metodológico-heurístico da semiótica arquetípica desenvolvido em *A semiótica do herói: a conflagração do caminho ascendente de Son Goku* (Soares, 2020), em *A semiótica do sábio: uma análise da constituição da jornada de Piccolo em Dragon Ball Z* (Soares, 2021a), em *A semiótica do amigo: uma análise da composição do companheirismo de Kuririn, em Dragon Ball Z* (Soares, 2021b) e em *A semiótica do criador: o funcionamento arquetípico de Mestre Kame, Kami-Sama e Senhor Kaioh em Dragon Ball Z* (Soares, 2024).

Já em função da organização arquitetônica deste texto, três seções são subsequentemente abertas, além destas **Considerações finais**. Uma primeira, **A semiose (narrativa) do arquétipo do Iluminado**, na qual descrevemos e interpretamos a disposição semiótica de Shaka à luz do funcionamento arquétipo do iluminado, consoante às quatro fases constituintes da narrativa (Platão; Fiorin, 1993). A segunda, **A semiótica das necessidades básicas do iluminado em Cavaleiros do Zodíaco**, na qual a relação

entre os quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003) demonstra a narratividade semiótica de Shaka. A última, **Considerações finais**, nas quais há uma avaliação das possíveis contribuições oriundas da investigação empreendida.

A semiose (narrativa) do arquétipo do Iluminado

Antes de mergulhar na semiose do arquétipo do iluminado em Shaka de Virgem, é necessário situar essa figura no corpus em análise, pois tal expediente, longe de ser um simples preâmbulo, revela elementos estruturantes da arquetipia que sustenta esse Cavaleiro de Ouro na narrativa de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). Introduzido na trama como guardião da sexta casa zodiacal, a casa de Virgem, Shaka emerge como uma entidade de aura sagrada, de conduta equânime e de poderes que transcendem os limites materiais da força física. Sua aparição diante de Seiya de Pégaso, em um momento em que o protagonista ainda é impelido por impulsos passionais e impulsivos, representa não apenas um obstáculo físico, mas sobretudo uma prova espiritual. Ao longo do desenrolar da série, Shaka gradualmente se desloca do papel de antagonista circunstancial para o de auxiliar transcendental, operando como um vetor de sabedoria e uma espécie de ponte entre o mundo dos homens e as instâncias superiores do cosmo.

Ainda que sua actância não assuma a centralidade do herói clássico, encarnado, na série, por Seiya, Shaka atua como figura axial, sustentando uma dimensão vertical na narrativa: ele é o personagem que olha de cima, medita, cala, observa, julga. Assim, a caracterização do Cavaleiro de Virgem ultrapassa os limites da performance bélica tradicional e atinge um plano simbólico em que o silêncio, a contemplação e o desapego tornam-se armas mais potentes do que a própria força. Tal figuração remete à tradição oriental budista, onde a iluminação (*bodhi* [sânscrito]) é concebida como o resultado de um esvaziamento do eu e da libertação do ciclo de sofrimento. O discurso de Shaka, marcado por sentenças enigmáticas e revelações metafísicas, encarna esse ideal arquetípico, operando como dispositivo de transposição espiritual no interior de um universo dramático regido por batalhas.

É nesse ponto que a articulação com a gramática actancial de Greimas e Courtés (1989) torna-se fundamental. Em termos narratológicos, a função de Shaka pode ser compreendida como a de um actante adjuvante, na medida em que sua presença fortalece

a jornada do herói principal sem, no entanto, deslocá-lo de seu protagonismo. No entanto, como destacam os mesmos autores, os actantes não estão rigidamente atrelados a uma função única, podendo assumir diferentes papéis de acordo com o desenvolvimento da narrativa e os investimentos modais que lhes são atribuídos. Nesse sentido, a figura de Shaka, ainda que não ocupe o lugar nuclear do fazer actancial, participa de momentos decisivos que reconfiguram o curso da história, como na batalha contra os espectros de Hades, em que seu sacrifício catalisa uma revelação maior sobre o sentido da existência e da justiça.

A semiótica arquetípica proposta por Soares (2020; 2021a; 2021b; 2024), articulada à psicologia profunda de Jung (2002; 2018) e Hillman (2022), permite compreender Shaka como manifestação do arquétipo do iluminado, isto é, aquele que, pela via do espírito, transcende os condicionamentos da carne e torna-se um com a totalidade. Conforme sustenta Jung (2002), o arquétipo constitui um correlato do inconsciente coletivo, um núcleo de sentido trans-histórico que se manifesta nas imagens simbólicas partilhadas pelas culturas humanas. Ao portar os traços desse arquétipo, Shaka torna-se não apenas um personagem, mas um signo denso de iluminação espiritual, cujas características não se reduzem ao enredo, uma vez que lhe extravasam para o plano do mito.

O inconsciente coletivo, como distingue Jung (2002), difere do inconsciente pessoal justamente por não se originar da experiência individual e por configurar-se como um reservatório de imagens primordiais acessíveis à espécie. Dentro desse arcabouço, o arquétipo do iluminado revela-se como uma dessas formas estruturantes, presente em múltiplas tradições, do Buda a Zaratustra, de Cristo a Lao Tsé. Sua emergência em Shaka não se dá por cópia ou citação, mas por atualização mítica num contexto ficcional que reinterpreta os signos religiosos sob a estética da animação japonesa. Como Hillman (2022) argumenta, o arquétipo opera como imagem e como emoção: ele é “aquilo que se vê” e “aquilo por meio do que se vê”, uma lente simbólica por onde o mundo adquire inteligibilidade.

Por essa razão, a análise da actância de Shaka não deve limitar-se a seu desempenho diegético, mas deve perscrutar os elementos imagéticos, gestuais e sonoros que reiteram sua condição de iluminado: seus olhos permanentemente cerrados; sua posição de lótus nas batalhas; sua fala pausada e oracular; seu poder de abrir o “Tesouro do Céu” e apagar os sentidos do inimigo, gesto que alude à desconstrução do ego na

tradição budista. Trata-se, aqui, de uma figura que carrega em si os vestígios de uma espiritualidade anti-heroica, marcada não pela violência resolutive, mas pelo domínio de si e pela dissolução do desejo.

Nessa chave de leitura, como assevera Soares (2024), é possível que uma figura não protagonista detenha o investimento simbólico de um arquétipo central. A rigidez da estrutura actancial cede lugar a uma dinâmica mais fluida, em que os núcleos de sentido organizam-se conforme as exigências do projeto narrativo. Assim, mesmo que Shaka não ocupe o centro da ação física, ele polariza o sentido espiritual da narrativa, funcionando como um eixo de verticalização do enredo. Sua presença atua como mediadora entre a imanência da luta e a transcendência do cosmo, oferecendo ao espectador uma imagem do sagrado que não se dissocia do humano.

Esse entrelaçamento de planos ontológicos, simbólicos e narrativos pode ser densamente elucidado a partir da quadripartição estrutural da narrativa proposta por Platão e Fiorin (1993), constituída pelas fases de **manipulação**, **competência**, **performance** e **sanção**. Tal arcabouço, inspirado pela semiótica narrativa de base estruturalista, permite identificar os momentos de passagem e transformação do sujeito ficcional em seu percurso existencial e mítico. No que tange à personagem Shaka de Virgem, essas quatro fases não apenas se atualizam plenamente ao longo da série *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), como adquirem uma tessitura singular pela natureza simbólica de sua figuração arquetípica, o iluminado.

A fase da **manipulação**, conforme delineada na teoria narrativa, consiste na instância em que o sujeito é chamado a integrar-se a um projeto de sentido: ele é convencido, coagido ou seduzido a assumir um percurso. No caso de Shaka, essa manipulação não provém de uma força externa no sentido ordinário, antes, de uma vocação metafísica: seu chamado cósmico para proteger Athena, deusa da sabedoria e da justiça, inscreve-se não como dever imposto, mas como expressão de sua própria condição ontológica. O Cavaleiro de Virgem nasce, por assim dizer, já iniciado, e sua obediência à deusa não é subordinação hierárquica, é fidelidade ontológica ao princípio da harmonia universal. Trata-se, portanto, de uma manipulação sutil, imanente à sua constituição arquetípica, na qual o chamado à ação coincide com a revelação de sua natureza profunda.

A etapa da **competência**, por sua vez, representa o estágio em que o sujeito adquire ou manifesta as qualificações necessárias ao cumprimento de sua missão. Em

Shaka, essa competência ultrapassa o domínio técnico ou estratégico, alcançando um patamar espiritual e contemplativo. Ele não apenas domina as técnicas de luta e o Cosmo (força vital que movimenta os cavaleiros), mas se distingue por sua capacidade de suspender os sentidos, romper com o plano fenomênico e agir a partir de uma instância de consciência pura. Seus poderes, como o “Tesouro do Céu” (*Tenbu Hōrin* [sânscrito]), consistem na aniquilação progressiva das faculdades sensoriais do inimigo, gesto que emula a dissolução do ego no caminho da iluminação budista. Tal competência, portanto, não é meramente pragmática, mas simbólica: é a competência do despertar, que opera na desconstrução do mundo fenomênico em direção ao real absoluto.

No que se refere à **performance**, a narrativa oferece um clímax paradigmático na saga de Hades. Shaka, diante dos antigos companheiros que agora lutam em nome do submundo, opta por enfrentá-los não movido por rancor, mas por um imperativo transcendente. Sua decisão de abrir os olhos, gesto que, em seu simbolismo, representa o ato de revelar a verdade última, é o ápice de sua ação como iluminado. Nesse momento, ele não apenas combate o inimigo: ele exerce um julgamento metafísico, conduzindo os falsos cavaleiros à revelação de suas ilusões. Sua performance é, portanto, o próprio rito de passagem, o sacramento narrativo que transforma o combate físico em experiência espiritual. Trata-se de um fazer impregnado de sentido, em que o gesto bélico se transmuta em gesto soteriológico.

Por fim, a fase da **sanção** encontra em Shaka uma resolução profundamente coerente com o arquétipo do iluminado: sua morte não é derrota, mas consumação. Ao abdicar do corpo físico e entregar-se à transcendência, Shaka não apenas cumpre sua função narrativa, como encarna o destino do bodhisattva que renuncia ao nirvana para conduzir os outros à libertação. Sua sanção é duplamente significativa: do ponto de vista interno à diegese, ele é exaltado como mártir da causa de Athena; no plano simbólico, sua extinção corpórea é o signo da vitória do espírito sobre a matéria. A narrativa o eleva, assim, a um status de princípio ordenador, de força imanente ao cosmo e à justiça.

À luz dessas elaborações, justifica-se com clareza a escolha de Shaka como objeto de análise no âmbito da semiótica do arquétipo do iluminado. Sua trajetória deixa ver como estruturas míticas arcaicas são reconfiguradas nas mídias contemporâneas, articulando tradição religiosa e entretenimento pop, ritual e espetáculo. Sob a lente da gramática actancial de Greimas e Courtés (1989), Shaka não apenas desempenha papéis narrativos, mas encarna funções simbólicas de elevada densidade, representando a

mediação entre a imanência do mundo e a transcendência do sagrado. Já sob o ponto de vista junguiano, seu perfil manifesta as imagens primordiais do inconsciente coletivo, especialmente aquelas relacionadas ao sábio, ao asceta e ao guia espiritual.

Portanto, se o herói, como propõe Campbell (2007), é aquele que transcende suas limitações pessoais para atingir o universal, o iluminado é aquele que já nasce como expressão do universal no plano humano. Nesse sentido, Shaka de Virgem não é apenas um personagem: ele é um signo denso, uma imagem arquetípica por meio da qual a cultura pop reverbera temas ancestrais de iluminação, sacrifício e transcendência. No cosmos narrativo de Kurumada (1986), Shaka encarna com rara precisão o elo entre mito e imagem, entre forma narrativa e figura espiritual. Seu percurso, estruturado pelas quatro fases da narrativa, não se limita a um fazer ficcional, mas revela-se como um rito de passagem simbólico, cujo valor excede os limites do enredo e penetra na dimensão profunda do imaginário coletivo.

A semiótica das necessidades básicas do iluminado em Cavaleiros do Zodíaco

Diante da proposta de compreender a constituição performática da semiose do arquétipo estruturante da personagem Shaka de Virgem, como representação emblemática da figura do iluminado, impõe-se, como necessidade metodológica preliminar, o delineamento dos fundamentos arquetípicos que sustentam essa configuração simbólica, especialmente no tocante às necessidades estruturais do arquétipo, conforme sistematizadas por Mark e Pearson (2003). Importa assinalar, inicialmente, que todo arquétipo é constituído por dois elementos fundantes: imagem e emoção. Como afirma Hillman (2022), “o dado inicial da psicologia arquetípica é a imagem” (p. 31), visto que, ainda segundo o autor, “a fonte de imagens — oníricas, poéticas, fantásticas — é a atividade geradora da própria alma” (p. 31). Assim, ao abordar o arquétipo do iluminado em Shaka, a análise exige mais do que uma simples descrição do personagem: ela demanda a captação de uma densidade simbólica que se instala na conjunção entre a imagem que ele projeta e as emoções que essa imagem convoca.

Nesse horizonte, estabelece-se um embate epistemológico e semiótico de grande densidade conceitual, cuja formulação encontra respaldo na proposição de Eco (2023), ao afirmar que “se podemos sustentar que processos semióticos intervêm no reconhecimento

do conhecido, porque se trata, justamente, de citar dados sensíveis a um modelo (conceitual e semântico)” (p. 64). Essa “citação”, longe de configurar-se como reprodução passiva ou reiteração mimética, assume a forma de uma atualização operativa de uma estrutura arquetípica pré-existente, um modelo profundo que antecede a própria manifestação individual do personagem. Trata-se, portanto, de uma reemergência do eterno sob a forma do particular, de uma inscrição da atemporalidade no tempo diegético.

No caso específico de Shaka de Virgem, a operação semiótica que o constitui enquanto signo narrativo realiza-se por meio da emanção de um conjunto imagético e afetivo cuja ressonância remete a camadas profundas do inconsciente coletivo, conforme delineado por Jung (2002; 2018). Sua imagem meditativa, os olhos cerrados como metáfora do olhar interior, a entoação pausada e oracular de sua fala, o desapareço dos sentidos corpóreos, a ascese gestualizada no *mudrā*, todos esses elementos não constituem atributos isolados, mas sim índices simbólicos que remetem a um modelo trans-histórico: o arquétipo do iluminado.

A semiose do iluminado, nesse contexto, realiza-se como um complexo processo de condensação e deslocamento. A condensação, no sentido freudiano ampliado por Lacan, opera pela fusão de múltiplos significados no mesmo signo imagético: Shaka é, simultaneamente, cavaleiro, asceta, juiz, bodhisattva (sânscrito) e mártir. O deslocamento, por sua vez, manifesta-se na transposição de sentidos espirituais oriundos de tradições religiosas orientais (sobretudo budistas e vedânticas) para um suporte narrativo de estética pop-ocidentalizada, como o anime shonen. Essa dupla operação simbólica, como indicam Greimas e Courtés (1989), permite que a personagem ultrapasse sua função diegética² imediata para operar como eixo semântico de articulação simbólica no universo ficcional.

É nesse ponto que a articulação entre imagem e emoção revela-se central. Hillman (2022), em consonância com a psicologia da imagem, lembra que “toda imagem arquetípica é também uma emoção originária” (Hillman, 2022, p. 52), ou seja, não se trata apenas de um conteúdo visual, mas de uma experiência afetiva radical, capaz de gerar deslocamentos psíquicos no espectador. A imagem de Shaka não apenas se mostra, ela afeta, convoca, inquieta. Sua serenidade não é neutra: é abissal. Seu silêncio não é ausência: é plenitude. A emoção que emerge dessa imagem é a da suspensão do tempo

² Diegético refere-se a elementos (sons, ações, objetos, entre outros) que fazem parte do mundo ficcional de uma obra.

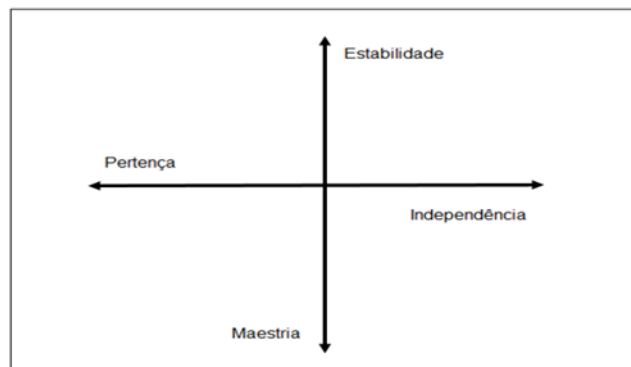
ordinário, da presença de um outro registro de realidade, mais rarefeito e mais pleno, que irrompe no espaço da narrativa como manifestação do eterno no efêmero.

A configuração actancial de Shaka, portanto, opera como atualização e manifestação de um arquétipo que excede a diegese, e que atua como estrutura de significação transversal à narrativa. Sua presença não apenas ocupa um espaço dentro da trama; ela organiza simbolicamente esse espaço, funcionando como uma instância de verticalização dos sentidos, no duplo sentido do termo: como elevação espiritual e como hierarquização do campo semântico. Ele é, em termos estritos, a instância simbólica por meio da qual a narrativa conecta-se à dimensão do sagrado.

Dessa maneira, ao fundir imagem e emoção em uma única superfície simbólica, Shaka atualiza o arquétipo do iluminado não apenas como uma figura dentro da narrativa, mas como um nó semiótico de grande potência mitopoética. Ele é aquilo que se vê e, simultaneamente, aquilo por meio do qual se vê, conforme formula Hillman (2022): uma lente mítica, uma figura liminar que inscreve na linguagem da cultura de massa os traços inapagáveis da tradição espiritual. Assim, sua presença não se reduz a uma função narrativa, mas se configura como um índice arquetípico de grande densidade simbólica, operando como canal de transfiguração ontológica e portal de transcendência para os demais actantes e para o próprio espectador.

A atualização do arquétipo em Shaka manifesta-se, pois, em polos de tensão semântica, tais como transcendência e imanência, presença e ausência, ego e vazio, que são organizados a partir das exigências do regime de saber que rege o universo simbólico de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). Nesse contexto, as categorias desenvolvidas por Mark e Pearson (2003) para mapear as necessidades básicas de constituição arquetípica revelam-se operativas, ainda que exijam certa transposição hermenêutica para acomodar a singularidade do arquétipo do iluminado. Com efeito, tais autoras propõem dois eixos semânticos fundamentais, o horizontal (pertença–independência) e o vertical (estabilidade–maestria), que, se bem interpretados, permitem um mapeamento do comportamento simbólico de Shaka ao longo de seu percurso narrativo.

Figura 1: Necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003, p. 28).



Tomemos, como ponto de partida, o **eixo horizontal pertença–independência**, cuja tensão dialética estrutura grande parte das manifestações arquetípicas no plano narrativo. No caso de Shaka de Virgem, a configuração simbólica inscrita nesse eixo revela-se marcada por uma ambivalência sofisticada e profundamente ressonante. Em primeiro plano, o personagem figura como integrante da ordem dos Cavaleiros de Ouro, sendo, formalmente, subordinado à deusa Athena — o que, em termos diegéticos, inscreve sua actância dentro de uma coletividade sagrada, uma fraternidade hierarquizada que se pauta pela lealdade, pelo sacrifício e pela missão de proteger a Terra do desequilíbrio cósmico. No entanto, tal inscrição institucional não esgota sua função simbólica nem sua imagem arquetípica.

Com efeito, Shaka opera simultaneamente como pertencente e como ausente. Sua fala rarefeita, seu silêncio meditativo, sua constante imersão em estados contemplativos indicam não uma dissociação afetiva, mas um grau de desapego que transcende o vínculo ordinário com o coletivo. Ele pertence, mas não se mistura; serve, mas não se submete; responde a Athena, mas obedece, em última instância, a uma lei maior, a da harmonia universal. Seu distanciamento é o do monge que, embora resida no mosteiro, já não se prende às suas regras formais, pois já internalizou seus preceitos em grau tão absoluto que passou a operar por princípio, e não por prescrição. Tal postura, aparentemente paradoxal, torna-se plenamente compreensível à luz da noção junguiana de *individuação*, processo pelo qual o sujeito se realiza ao integrar os opostos em sua psique e se aproximar de seu *Self*. Shaka é a figura daquele que se tornou uno consigo mesmo, e, por isso, já não precisa da exterioridade para afirmar sua identidade.

Sua independência não é recusa da pertença, mas expressão de sua superação. Ele transcende o grupo não por arrogância, mas porque sua consciência já o projetou para

além das fronteiras do eu social. Como resultado, sua autoridade não se impõe pela força de comando, mas pela irradiação de um centro interior. Ele não conduz batalhões, mas desperta consciências; não orienta pelo gesto, mas pela presença. Nesse sentido, a pertença que lhe cabe é cósmica, não institucional; arquetípica, não administrativa. Ele pertence à ordem do universo, à lógica do Dharma, à estrutura simbólica da iluminação. A coletividade que o cerca é instrumental, transitória. A que ele verdadeiramente serve é a ordem espiritual que atravessa o tempo e sustenta a forma do mundo.

Passa-se, agora, ao **eixo vertical estabilidade–maestria**, no qual a posição simbólica de Shaka se acentua com ainda maior clareza. A **estabilidade**, aqui, não deve ser entendida como mera constância emocional ou equilíbrio psicológico, mas como expressão da imobilidade interior do ser desperto, uma estabilidade que emana de um ponto de quietude inabalável, próprio daqueles que já superaram o ciclo do desejo e da aversão. Shaka encarna esse ponto de quietude. Sua serenidade, mesmo quando desafiado por antigos companheiros corrompidos na Saga de Hades, não se rompe, pois está ancorada em uma instância ontológica superior. Ele não reage, ele age com plena consciência do sentido e do alcance de seus gestos.

Essa estabilidade, portanto, possui valor simbólico: ela representa o eixo imóvel em torno do qual o universo giratório da narrativa se organiza. Em um cosmo ficcional marcado por batalhas, paixões, mortes e renascimentos, Shaka é o centro não-dinâmico, o vazio pleno, o silêncio que contém todas as palavras. Sua presença evoca o arquétipo do “eixo do mundo” (*axis mundi*), conforme estudado nas tradições místicas e mitológicas, sendo ele a ponte entre o alto e o baixo, o celeste e o terreno. No que tange à **maestria**, essa se manifesta em Shaka de modo singularíssimo: não por meio da potência destrutiva, mas pela capacidade de desarmar o inimigo suspendendo-lhe os sentidos, ação que remete diretamente aos estágios de esvaziamento da consciência presentes na meditação budista. O “Tesouro do Céu” (*Tenbu Hōrin*), sua técnica mais emblemática, não visa aniquilar o outro, mas conduzi-lo a uma confrontação com o nada. Ao privar o adversário de visão, audição, tato, paladar e olfato, Shaka opera uma regressão semântica à vacuidade, promovendo uma experiência de dissolução do eu que pode, paradoxalmente, conduzir ao real.

Tal gesto, profundamente simbólico, reconcilia a maestria técnica com a maestria espiritual. Ele domina seu Cosmo como um guerreiro, mas age como um mestre espiritual. Seu poder não está em destruir, mas em desvelar. Sua arma não é a força, mas

o insight. Nesse sentido, sua maestria transcende a competência ordinária dos Cavaleiros, pois ele não apenas luta melhor: ele compreende mais profundamente a lógica do conflito e a vacuidade de seus desdobramentos. Assim, a configuração de Shaka ao longo dos dois eixos propostos por Mark e Pearson (2003) permite situá-lo não apenas como uma atualização do arquétipo do iluminado, mas como uma de suas mais refinadas expressões simbólicas na cultura de massa. Sua **independência** espiritual, sua **estabilidade** ontológica e sua **maestria** sobre os sentidos e o ego o posicionam como um signo arquetípico de altíssima densidade. Ele não apenas encena um arquétipo: ele o irradia. Sua imagem não apenas representa, mas transfigura. Ele não está apenas no enredo: ele é um eixo simbólico de sentido.

A análise do arquétipo do iluminado em Shaka, à luz da quadratura semiótica proposta por Mark e Pearson (2003), permite então reconhecer que suas dimensões simbólicas atualizam um tipo específico de liderança espiritual: não a do governante, que impõe pela força, mas a do mestre interior, que conduz pela dissolução do eu. Sua independência é o sinal da libertação; sua estabilidade, a metáfora da imobilidade do absoluto; sua maestria, o gesto do sábio que reconhece que a maior das forças é o não-agir. Nesse sentido, Shaka encarna uma das formas mais elevadas de expressão arquetípica no universo de *Os Cavaleiros do Zodíaco*, pois funde imagem e emoção num campo de sentido que não é apenas narrativo, mas mítico. Sua presença, ao mesmo tempo imaterial e definitiva, atualiza, na linguagem da animação japonesa, a antiga figura do *bodhisattva*, aquele que, mesmo podendo libertar-se do mundo, permanece nele para despertar os outros.

Considerações finais

À luz das análises empreendidas, pode-se afirmar que o presente estudo atingiu com êxito seu objetivo primordial: desvelar, por meio da articulação entre a semiótica narrativa e a psicologia arquetípica, os modos de atualização simbólica do arquétipo do iluminado na personagem Shaka de Virgem, integrante do universo ficcional de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). Tal empresa interpretativa revelou-se frutífera ao permitir a identificação não apenas das estruturas narrativas que sustentam a configuração actancial de Shaka, mas também das camadas imagéticas e emocionais que o constituem enquanto signo de elevada densidade mítica.

Ao longo da investigação, constatou-se que a figura de Shaka excede os limites da personagem ordinária: ele não é apenas um cavaleiro a serviço de uma deusa, mas um mediador entre o humano e o divino, entre o contingente e o eterno. Sua trajetória, inscrita na quadripartição narrativa delineada por Platão e Fiorin (1993) — manipulação, competência, performance e sanção —, realiza-se como um verdadeiro rito de passagem ontológico. Manipulado não por forças externas, mas por uma vocação cósmica; competente não apenas no domínio técnico, mas na sabedoria espiritual; performático não pela violência, mas pelo gesto de renúncia; e sancionado não pela derrota, mas pela transfiguração, Shaka revela-se como a epifania do arquétipo do iluminado em pleno cenário da cultura de massas.

Além disso, o mapeamento de sua posição nos eixos semânticos propostos por Mark e Pearson (2003) — pertença/independência e estabilidade/maestria — permitiu delimitar sua configuração simbólica como a de um ser paradoxal: profundamente inserido em uma ordem sagrada e, ao mesmo tempo, radicalmente livre; sereno no seio do conflito e mestre do esvaziamento como via de transcendência. Sua imagem, ao fundir meditação, silêncio e desapego, inscreve-se como signo de um sagrado que já não depende de templos ou escrituras, mas que se manifesta na potência semiótica da cultura pop.

Nesse direcionamento, vale destacar que a abordagem teórico-metodológica adotada, fundamentada na semiótica arquetípica conforme desenvolvida por Soares (2020; 2021a; 2024), revelou-se crucial para evidenciar a presença de estruturas de sentido que não operam apenas no plano temático da narrativa, mas também na profundidade simbólica de seus dispositivos enunciativos. Como aponta o autor, os arquétipos são condensações de imagem e emoção que se articulam no interior da narrativa como eixos de coerência simbólica, permitindo que personagens como Shaka irradiem força arquetípica mesmo sem ocuparem a centralidade do protagonismo clássico. Em sua formulação, “a actância simbólica não coincide necessariamente com a diegética”, de modo que figuras arquetípicas secundárias podem operar como centros gravitacionais do sentido (Soares, 2021a, p. 25).

Esse movimento de condensação simbólica, que reelabora elementos do budismo, do hinduísmo e do imaginário místico universal sob a forma estética da animação japonesa, atesta a vitalidade dos arquétipos no tecido da cultura contemporânea. Em Shaka, o sagrado não é domesticado: é reconvocado, relido, estetizado, mas jamais

esvaziado. Sua figura opera como um canal de permanência simbólica que ressoa no inconsciente coletivo, segundo Jung (2002), e como um espelho de emoções arquetípicas, conforme Hillman (2022), através das quais o espectador não apenas vê, mas é visto.

Se, como afirmado na abertura deste artigo, o Iluminismo europeu buscou lançar luz sobre os fenômenos exteriores ao sujeito, promovendo uma razão objetiva e analítica, e se, em contraponto, a iluminação budista propõe a dissolução do ego como caminho para o real, então a figura de Shaka pode ser compreendida como uma síntese tensionada desses paradigmas. Ele não apenas representa a fusão entre Ocidente e Oriente, entre ciência e mística, entre racionalidade e intuição, ele é o próprio ponto de articulação entre essas dimensões. Ele é luz que observa, mas também luz que silencia; é razão que julga, mas também intuição que transcende. Portanto, o percurso investigativo aqui empreendido reitera que Shaka de Virgem não é apenas o “homem mais próximo de Deus”, como o proclama a narrativa ficcional: ele é, simbolicamente, a encarnação de um princípio arquetípico perene, ou seja, aquele que nos recorda que a verdadeira iluminação não consiste em conhecer o mundo, antes, em esvaziar-se dele para, enfim, habitá-lo com consciência.

Referências

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10 ed. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

ECO, Umberto. **Kant e o ornitorrinco**: ensaios sobre linguagem e cognição. Trad. Ana Thereza B. Vieira e Marco Lucchesi. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

GREIMAS, Algirdas Julius.; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1989.

HILLMAN, Jammes. **Psicologia arquetípica**: uma introdução concisa. Trad. Lúcia Rosemberg e Gustavo Barcellos. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2022.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica**: escritos diversos (vol. I). Trad. Araceli Elman et. al. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KURUMADA, Masami. **Os Cavaleiros do Zodíaco**. Direção de Kozo Morishita. Produção: Toei Animation. Exibição original: TV Asahi, 1986–1989. Exibido no Brasil pela TV Manchete, Rio de Janeiro, a partir de 1994.

MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. **O Herói e o Fora-da-Lei**: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos. São Paulo: Cultrix, 2003.

PLATÃO, Francisco Savioli; FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto**: leitura e produção. 7 ed. São Paulo: Ática, 1993.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do herói: a conflagração do caminho ascendente de Son Goku. **Porto das Letras**, Vol. 06, Nº especial. 2020. p. 113-128. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9955>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do sábio: uma análise da constituição da jornada de Piccolo em Dragon Ball Z. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v. 3, n. 5, p. 23-35, jan./jun. 2021a. Disponível em: <https://revistaestudosnerd.wixsite.com/estudosnerd/v-3-n-5-2021>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do amigo: uma análise da composição do companheirismo de Kuririn, em Dragon Ball Z. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 15, n. 01, p. 29-43, jan./jun. 2021b. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/10657>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do criador: o funcionamento arquetípico de Mestre Kame, Kami-Sama e Senhor Kaioh em Dragon Ball Z. **Revista Margem** - 2024. 21 n. 1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/amargem/article/view/72996>. Acesso em: 30 jun. 2025.